A escritora espanhola Nuria Amat, 67 anos, natural de Barcelona, critica de dentro o separatismo catalão

ULF ANDERSEN/AURIMAGES

por
MIGUEL CARDOSO PEREIRA

«Deixei de ser do Barça quando se tornou um clube separatista»

A escritora que afronta, de dentro, o separatismo catalão • Está a promover o marcante 'El Sanatorio' • A relação com o 'més que un club'

NURIA AMAT

É natural de Barcelona, catalã, e tem-se salientado na crítica espanhola pela afronta ao processo independentista da Catalunha. Considera o seu posicionamento, esta crítica vinda de dentro, incomum?

— Gosto de acreditar que não, mas na verdade não me inquieta. O que eu considero é que, contrariando o que tenho escutado em tertúlias e comentários, a maioria dos catalães não é independentista. A maioria, de resto, não o é. É apenas gente que decidiu não falar porque teme consequências. Essa gente, muda, está a ser esquecida pela própria Espanha, que não parece dar-se conta do que está a acontecer. De resto, não espero estritamente nada de bom do processo independentista da Catalunha. Sou contra e acho o procedimento descomedido. Não passa de uma mera invenção de uns quantos políticos da região que roubaram bastante e buscam uma solução para tapar o que fizeram. Astutamente, parecem desejar uma República da Catalunha *Express* com esta inconcebível declaração unilateral de independência. É uma praga nacionalista e populista que envenena perigosamente os cidadãos e que não tem qualquer fundamento. Os catalães nada ganharam com isto; nem os que conduziram o processo, claro, nem os que, como eu, o veem agora vez mais fragilizado, pois nem sequer nisso eu consigo ver uma vitória, de tudo tão triste.

— Não estaríamos hoje, enquanto povos e com as facilidades de comunicação, supostamente mais informados e guardados contra, como diz, pragas populistas?

—Nunca inteiramente. Se supomos que na política e na sociedade as batalhas pela democracia, pelos direitos humanos ou pela liberdade estão travadas e vencidas corremos riscos com essa fantasia. Tudo tem de ser mantido ou, diria, sistematicamente reconquistado. O que tem estado em causa é uma manipulação dos catalães que tem até, note, contornos de propaganda nazi ou estalinista. Mentem!

— Um dos grandes polos de identificação cultural da cidade de Barcelona, e da região da Catalunha, é o FC Barcelona, que por isso sempre se definiu como 'més que un club'. É adepta?

— Era. Sempre fui, mas confesso que me tenho sentido particularmente constrangida com a radicalização que o clube, pela mãos dos dirigentes, tem assumido, colando-se também ao movimento independentista ora por omissão, ora por ação, ora pela presença de representantes em determinadas iniciativas. Deixei de ser do Barça quando se tornou num clube separatista. Comigo, nesta altura estão de castigo…

— As especificidades culturais são nestas ocasiões acentuadas, como o idioma, por exemplo. Ou até os distintos rendimentos económicos. Será isso suficiente para legitimar qualquer vontade de autodeterminação?

— Num país grande como a Espanha é inteligível que haja idiomas e realidades económicas variadas. É claro que há. A questão da língua catalã, porém, tem sido inacreditavelmente ruralizada pelos responsáveis da região, o que é aberrante, redutor. No fundo, todos os separatistas mentem e procuram nestas diferenças, que são identificáveis pelas pessoas, causas para enquadrar essas mentiras. O que me parece indesmentível é que as tais dissemelhanças devem ser, por princípio, um fator de aproximação e não de separação; devem servir para desvalorizar o conceito de fronteiras e não para o contrário. Olhe, o meu querido amigo Saramago, Nobel português, foi um homem que toda a vida sentiu muita relutância para compreender as fronteiras e a forma como são desnecessariamente consideradas.

> O meu querido amigo Saramago sempre sentiu muita dificuldade com a questão das fronteiras

— Na obra de José Saramago o próprio 'A Jangada de Pedra' serve de metáfora para as proximidades entre Portugal e Espanha. «Basta olhar para o mapa», como ele, sofisticadamente, recomendou uma vez.

— E com isso, sublinhe-se, nunca Saramago quis dizer que Portugal devia ser Espanha ou que Espanha devia ser Portugal. Ou até que Espanha e Portugal deviam ser a Ibéria. O sentido é, na verdade, outro: preservemos juntos, e não separados, as nossas diferenças. Em Portugal há, diga-me, grandes sentimentos nacionalistas nos dias de hoje?

— Se mo pergunta, parece-me que para a generalidade da minha geração as questões relacionadas com a identidade nacional são frequentemente vistas no enquadramento da União Europeia: que vantagens, que prejuízos.

— Exatamente. Eu sou europeia e sinto-me assim. Os caminhos naturais — e aqui nem me dirijo apenas aos entendimentos políticos, refiro-me também à nossa condição humana — são sempre de união, de aproximação. Às vezes pelo choque, é verdade, todavia sempre no mesmo sentido. É da nossa natureza, inclusivamente. Nos anos 90 escrevi um livro chamado *Viajar es muy difícil* sobre a geografia de grandes cidades literárias, sobre os encontros e desencontros — a Praga de Kafka, a Lisboa de Pessoa… — e já então eu tinha reduzida compreensão para conceitos fronteiriços. As pessoas de todo o Mundo cada vez mais têm múltiplas nacionalidades e comunicam em diversos idiomas. Eu sou espanhola, colombiana e muito mexicana também.

> O meu último livro é sobre os calados, os conformados sujeitos a um poder despótico

— Em 2007, numa votação para um programa da RTP chamado 'Grandes portugueses', o ditador Salazar venceu com 41 %. Parece haver tendências para esquecer facilmente as opressões passadas. Espanha, nesse aspeto, é um país paradigmático com o *pacto del olvido*, que teria deixado o franquismo esquecido e enterrado. Mas nestas alturas todos os medos parecem reaparecer com simplicidade…

— Não traço diferenças entre ditaduras, francamente. Nem de um país para outro, nem sequer de uma presumível orientação política para outra, porque um ditador não tem país nem plano político de esquerda ou direita. É somente antidemocrático, vive de manipulação e terror.

— Como olham os catalães, na generalidade, para os portugueses, sobretudo com tanta agitação independentista e tendo em atenção que Portugal é um país que faz fronteira com Espanha?

— Dou-lhe duas notas: uma relacionada com o vosso Presidente da República, que na Catalunha tem sido visto como alguém próximo do povo, amigo, carinhoso, que une pelo discurso e pela presença. Penso que na Catalunha precisávamos de alguém com esse tipo de atenção, essa relação fácil com as pessoas, que as ouvisse, que não as deixasse caladas e oprimidas. E, já agora, lembro-lhe também o que disse uma vez Oriol Junqueras, ex-vice-presidente da Catalunha, que, em assomos independentistas e xenófobos, comparou os espanhóis aos portugueses e os catalães, supostamente mais evoluídos, aos suíços. E fê-lo com um suposto recurso a proximidades genéticas!

— O seu mais recente livro, 'El Sanatório', de 2016, é uma metáfora para tudo o que se está a viver na Catalunha por estes dias. Porquê o nome sanatório?

> O exercício da sociedade, da política, depende muito do exercício físico

— Podia chamar-se até o manicómio! Se calhar seria mais apropriado… Repare: é um livro necessário para esta altura e que se socorre, então, da força da literatura, porque é essa a minha de escrever, de me expressar. É um livro sobre os calados, os conformados que vivem num lugar imaginário, do qual não podem sair, divididos e sujeitos a um poder despótico.

— Como o '1984', de Orwell?

— Essa comparação já foi estabelecida, sim, o que me deixa, naturalmente, orgulhosa. *El Sanatorio* é uma alegoria do totalitarismo, uma crítica a quem advoga princípios identitários coletivos e os sobrepõe a liberdades individuais. Não acontece apenas na Catalunha nem sou a única escritora a sentir e a escrever sobre o assunto. Bastaria evidenciar o que se tem passado no Reino Unido, na Alemanha, na França, na própria Itália, na Venezuela, nos Estados Unidos… No século XXI estamos outra vez, como povos, a ser facilmente importunados e ofendidos pela propaganda. *El Sanatorio* é um livro que pode ser visto como um aviso.

— O livro terá tradução para português?

— Não está previsto nesta altura. Seria, com certeza, uma grande satisfação para mim. Espero que isso possa acontecer.

— Permita-lhe elogiar-lhe a boa forma. Pratica desporto?

— Muito obrigada. Sempre pratiquei muito exercício. Joguei basquetebol…

— No Barça?

— Não, apenas a um nível escolar. E sempre nadei, dancei, fiz ginástica. Sabe, o desporto sempre fez parte da minha vida porque o considero fundamental para a saúde, não apenas para a capacidade física ou para a aparência, mas também para a criatividade, a imaginação, a energia para enfrentar de frente as coisas de que não gostamos ou as que não compreendemos. Porque esse exercício, de sociedade, de política, traz subjacente muito exercício físico também. Nunca nos podemos dividir entre uma coisa e outra, temos de tentar ser completos.

PERFIL

Uma vida muito vivida

Nuria Amat nasceu em Barcelona, Espanha, onde vive, em 1950. Passou também pela Colômbia e pelo México, pela Alemanha (Berlim), por França (Paris) e pelos Estados Unidos. É doutora em Ciência e Tecnologias de Documentação pela Universidade Autónoma de Barcelona. Os seus contos e crónicas — ocasionalmente publicados em influentes jornais espanhóis — e os seus livros de narrativa, poesia ou ensaio colocaram-na entre as mais lidas escritoras em língua espanhola nos últimos anos.
Entre outros títulos da autora, destacam-se os premiados *Todos somos Kafka* (1993), *Viajar es muy difícil* (1995), *Reina de América* (2001), *Deja que la vida llueva sobre mí* (2007), *Amor y Guerra* (2012) e *El Sanatorio* (2016).

NURIAAMAT.COM